

Desilusão.

Rehovot, 8/5/80: Platão considera a vida contemplativa superior à ativa, porque acredita que a sabedoria está na contemplação, e não na aplicação de ideias. Quem procurar aplicar ideias à natureza, (por exemplo: quem quiser desenhar triângulos na areia), verificará que ideia aplicada é ideia deturpada,  $\beta$  (por exemplo: a soma dos ângulos do triângulo desenhado não será exatamente  $180^\circ$ ). Por isto o triângulo desenhado, essa "obra de arte" que resulta da atividade humana que visa mudar a natureza, não pode proporcionar sabedoria nem felicidade: proporciona apenas opiniões enganadas, "doxai". Por certo: o triângulo desenhado mudou a forma da areia, "informou-a". Mas, ao fazê-lo, mudou, ele próprio, de forma, "deformou-se".

Tal ensinamento platônico nada tem de melancólico, quando é feito em aulas de filosofia. Em tal contexto recomenda que se mantenha em mente que toda teoria sofre distorções quando aplicada na praxis. Mas quando o ensinamento platônico é lembrado no contexto israeli, pode fazer com que desesperemos não apenas da capacidade humana para realizar ideias, mas mais ainda da abnegação com a qual alguns estão dispostos a tudo sacrificarem em prol de ideias a serem realizados. O triângulo que os judeus vindos de toda parte desenharam na areia da Palestina com tanto sofrimento, tanto heroísmo, tanta esperança, por certo transformou profundamente a terra. Mas a soma dos seus ângulos está muito longe de ser de  $180^\circ$ , e os povos que observam o gesto do desenhista, de perto e de longe, não vêm senão o fato de ser o triângulo geometricamente falando verdadeiro desastre. O que se observa em Israel, tendo em mente o ensinamento platônico, é o naufrágio do idealismo espenhado, e a mesquinhez da crítica teórica "desengajada". Não posso imaginar espetáculo mais desolador que este.

Tal espetáculo é relativamente recente. Até 1967, até a Guerra dos Seis Dias, os construtores do Estado judeu acreditavam, em sua maioria, poder realizar, pelo menos em linhas gerais, um modelo de sociedade mais justa e mais humana. E os que formavam o público interessado de longe, aplaudiam, em sua maioria, os esforços dos construtores. Depois, vários fatores transformaram a cena. A ocupação de terras conquistadas revelou, para os construtores do novo Estado, o quanto é frágil a base moral do seu empreendimento. O petróleo como arma de chantagem dissuadiu o público a continuar aplaudindo. E a má consciência que o público abrigava com relação aos judeus encontrou válvula para poder sublimar-se em indignação justa diante dos excessos do Estado judeu. De modo que os construtores iam perdendo a confiança em si próprios, e simultaneamente o sustento moral da plateia. Não que isto implique em derrotismo: acredito que os israelis continuam dispostos a sacrificarem suas vidas em prol do Estado, e que continuam dispostos a fazê-lo com toda naturalidade, sem gesto nenhum de patriotismo. Mas se os israelis continuam dispostos a se sacrificarem, não creio que se trata de sacrifício em prol de um ideal, qualquer que seja, mas sem auto-defesa. Será sacrifício de desilusionados.

A cena desoladora da morte de ideais é pois relativamente recente. Mas se a visão platônica for correta, a derrota do ideal sionista está na decisão de aplicá-lo, e portanto remonta

até os primeiros esforços de colonizar a Palestina nos fins do século passado. Os que saíram em tal época remota, das aldeias geladas russas e polonezas, nas quais tinham contemplado as ideias da justiça e do amor ao próximo nas escolas talmudicas ou na literatura marxista proibida pela policia czarista, afirmam de aplicarem tais ideias no deserto quente deste canto esquecido do Império otomano, já estariam, de acordo com Platão, desde já "traindo" suas ideias. com efeito não faltam os que assim pensam. Os ultra-fundamentalistas ortodoxos que passeiam pelo bairro de Mea-Shearim de Jerusalem vestidos de mujiques do século 18 e que lançam pedras sobre carros que circulam aos sábados, negam o Estado judeu, porque afirmam, platonicamente, que as ideias do judaísmo devem ser contempladas, não aplicadas. Os marxistas ortodoxos, tão ultra-fundamentalistas quanto o são os fanáticos de Mea-Shearim, afirmam, com platonismo comparável, a inaplicabilidade do socialismo sem prévia luta de classe, embora tais platonicos não habitem bairros de Jerusalem, mas parlamentos e universidades tanto dos países capitalistas quanto dos socialistas.

As objeções fundamentalistas à empresa sionista, venham elas da direita ou da esquerda, não captam, no entanto, o problema platônico da aplicabilidade de ideias. O problema é dialectico, e implica a relação entre a ideia e a realidade. A tragédia do sionismo, tal qual vai se revelando atualmente, tem seu germe na discrepância entre a ideia a ser aplicada, e a realidade a ser transformada. Com efeito, a situação inicial da decisão em prol da realização do Estado judeu é esta: Havia pelo menos duas ideias em conflito, mas engrenadas, a religiosa e a marxista. E havia duas realidades sociais a serem transformadas pelo projeto, a dos judeus espalhados pelo mundo afora, e a dos árabes que habitavam a terra, subjugados pelos turcos. É como se o desenhista quizesse desenhar simultaneamente triângulo e círculo, e como se quizesse fazê-lo simultaneamente em areia e em rocha. A empresa sionista é como que exemplo exagerado da tese platônica em prol da teoria e contra a praxis.

O sionismo é trágico, precisamente porque visa o impossível, e o faz com dedicação extrema. Antes de ter visto a experiência com meus próprios olhos, jamais compreendi porque a humanidade toda não se curva em admiração prostrada diante de espetáculo tão grandioso. Perseguidos pelas hordas cossacas, asfixiados pela tecnologia avançada nazista, degolados pelos fanáticos islâmicos, reúnem-se os remanescentes de sociedade decadente e exausta, não para buscar refugio aonde morrer com sossego, mas para construir sociedade modelar do futuro. Fazem-no, não para si próprios, mas para os demais, tomam-se por pioneiros, e fazem-ná em face à hostilidade de todos os poderes estabelecidos, seculares e religiosos. E, coisa de veras incrível: quase conseguem na tarefa. Porque então a humanidade toda não suspende a respiração ao acompanhar tal drama empolgante? Porque se rebõixa a comentá-lo com criticas mesquinhas e em grande parte impertinentes? Agora que estou presente compreendo tal atitude. A tragédia é espetáculo repugnante, porque ilustra o quanto todo engajamento em ideais é irracional e frustrado. Se estivéssemos presenciando Prometeu no Caucaso, é o fígado que estariamos vendo e criticando. O fogo roubado, como no caso de Israel, já estaria esquecido.